

## A BELEZA DA ALMA: UM DIÁLOGO SOBRE A VIRTUDE ENTRE PLOTINO E AUTORES DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Stefanie Cavalcanti de Lima Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Desde a Antiguidade Clássica, a discussão sobre a virtude permeia a vida dos Homens em sociedade, a preocupação em alcançar um consenso do que seria uma vida em equilíbrio e uma alma bela; alguns autores, como Plotino, Cícero e Sêneca, concluíram que, para tal, seria necessária a virtude da alma, uma vida equilibrada e sem vícios. Em seu texto *Sobre o belo*, Plotino afirma: “Beleza da alma é a virtude” (2012, p. 49); e é a partir dessa sentença que propomos, neste trabalho, uma comparação entre o texto citado acima e os seguintes textos da Antiguidade Clássica Latina: *Da Tranquilidade da Alma*, de Sêneca, *Paradoxos dos Estoicos e De Finibus*, de Cícero.

**Palavras-chave:** Virtude; Beleza; Plotino.

Em seu texto intitulado *Sobre o belo*, Plotino<sup>2</sup> inicia uma discussão sobre como percebemos a beleza, geralmente com a vista ou com os ouvidos. Tal pensamento foi discutido posteriormente por Roger Scruton em seu texto intitulado *Beleza*<sup>3</sup>:

Percebemos a beleza em objetos concretos e ideias abstratas, em obras da natureza e em obras de arte, em coisas, animais e pessoas, em objetos, qualidades e ações. À medida que a lista aumenta e passa a abarcar praticamente toda categoria ontológica (existem proposições belas e mundos belos, evidências belas e lesmas belas, quicá até doenças e mortes belas), torna-se claro que não estamos descrevendo propriedades como forma, tamanho ou cor, as quais se fazem indiscutivelmente presentes a todos os que vivem no mundo físico. (SCRUTON, 2013, p. 11)

Contudo, a proposta plotiniana era elevar o assunto a um plano superior e tratar de uma Beleza mais profunda e, por assim dizer, espiritual: “Por que tudo imediatamente ligado à alma é de alguma maneira belo? ” (2012, p. 48). Seu discurso é pautado também na simplicidade e na virtude, termo bastante caro na Antiguidade, que será um pré-requisito para a formação do conceito plotiniano de “alma virtuosa”. Para o autor, o Belo está em todas as partes que formam o todo e não apenas no resultado:

Porém, se o todo é belo as partes também o serão, porque a beleza não é algo que resulta da agregação de elementos feitos, senão que compenetra todas as partes. Além disso, segundo essa opinião, teria de admitir-se que as belas cores (o mesmo se diga da luz do Sol) caem fora do âmbito da beleza, pois sendo simples não podem possuir uma beleza fundada em simetria. (PLOTINO, 2012, p. 49).

---

<sup>1</sup> Mestranda em Literatura Comparada do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Neoplatônico, valoriza a beleza inteligível e nega o mundo material.

<sup>3</sup> Tradução de Hugo Langone (SCRUTON, 2013).

Diante da fragilidade de considerar belo apenas o que é visível e sensível, Plotino dedica seu texto à virtude da alma, haja vista a valorização da beleza inteligível:

Beleza da alma é a virtude, beleza num sentido muito mais real que as outras das quais antes falávamos; e que significaria falar nela de partes simétricas? Porque, embora fossem múltiplas as partes da alma, não seriam simétricas como as magnitudes ou os números. Com efeito, que proporção regeria a combinação ou mistura das partes da alma ou das concepções científicas? (PLOTINO, 2012, p. 49)

Essa questão relativa à beleza da alma, também chamada de Virtude, já era discutida desde a Antiguidade por autores como Cícero e Sêneca, que dedicaram suas vidas a escrever textos que falavam da condição humana, de um comportamento saudável à sociedade, que estavam envolvidos nas artes e também na política e que em tais textos levantam questões que até hoje funcionam como norte para os estudos de Filosofia, Arte, Literatura, História e outras áreas de conhecimento das Ciências Humanas. Os autores acima citados e Plotino podem ser estudados pelo método de comparação no que diz respeito ao que tranquiliza e intranquiliza a alma; analisemos, pois, trechos de cada autor que nos ajudarão a compreender melhor essa relação entre o Belo, o Bem e a alma, segundo Plotino (2012):

[Beleza dos corpos] é algo que apenas se apresenta, se faz perceptível e move a alma a pronunciar seu verbo, como se intelectualmente se compenetrasse com ele [o Belo]. Há um reconhecimento, uma recepção e de certa maneira uma integração da alma com ele. Em troca, ante o feio [ou o mal], a alma se intranquiliza, sente repugnância e distancia-se como se não harmonizasse nem se assemelhasse com ele. (PLOTINO 2012, p. 50)

Em *De Finibus*, Cícero aborda a importância da beleza da mente (ou seja, também da alma) e do valor de manter-se em consonância com a justiça e o bem:

É com justiça que do sábio se diz que tudo possui, porque só ele conhece o modo como tudo deve ser usado; é com justiça que se lhe chama “Belo”, porque os traços da beleza da mente sobrepujam os do corpo; só ele é livre, porque não está sujeito a nenhum poder, nem obedece ao desejo; invencível, porque, embora o seu corpo possa ser manietado, nenhuma cadeia há que possa prender a mente. (DE FINIBUS, I, 76)

Em concordância com o pensamento de Cícero citado acima, vejamos a seguinte afirmação:

Agora, abandonando a sensação em seu plano inferior, devemos ascender à contemplação dessas belezas mais elevadas que escapam ao âmbito da percepção sensitiva: as que a alma intui e expressa sem órgão algum. Porém, assim como são incapazes de falar sobre as belezas sensíveis os que não as viram ou não as perceberam como belas – é o que acontece aos que nasceram cegos – da mesma maneira ninguém é capaz de falar sobre os belos hábitos, a não ser aquele que acolheu em si sua beleza, a das ciências e a das outras coisas semelhantes. (PLOTINO, 2012, p. 52)

Para Sêneca, manter a alma tranquila, em harmonia com o que está à volta e dentro de si, é aproximar-se da ideia do divino tida pelos estoicos: “No entanto o que desejais é grandioso e elevado e se avizinha ao divino: não sofrer perturbação. [...] Essa condição de estabilidade da alma os gregos chamam de *euthymia* [...]; eu chamo ‘tranquilidade’” (SOBRE A TRANQUILIDADE DA ALMA, 2, 3). Entretanto, se não há o controle dos desejos ou se a alma se encontra instável, o homem está como que enfermo: “Que enfermidade é essa, de uma alma que hesita entre duas vias, sem se inclinar-se para o bem nem para o mal [...]?”. (SOBRE A TRANQUILIDADE DA ALMA, 1, 4). E afirma mais adiante:

E se introduz neles a agitação de uma alma que não consegue encontrar saída, pois eles nem podem dominar seus desejos, nem lhes obedecer, e sofrem ainda a hesitação de uma vida que pouco se expande e a degradação de uma alma que fica entorpecida em meio ao malogro de seus desejos. (SOBRE A TRANQUILIDADE DA ALMA, 1, 8)

Segundo Plotino, mesmo a beleza que atrai os enamorados é aquela que vem da alma, toda a emoção que se sente é proveniente da beleza interior, pois, como já afirmado anteriormente, a beleza inteligível é superior à sensível:

E qual é o objeto dessas emoções? Não uma figura, ou uma cor, ou uma magnitude; é a alma, que não tem cor e que está adornada com o sábio domínio de si mesma, e o brilho das outras virtudes, coisas todas que carecem de cor. Vós as experimentais quando descobris em vós mesmos ou contemplais em outro a grandeza da alma, um caráter justo, um imaculado domínio próprio, o valor de um rosto enérgico, a venerabilidade e o pudor que se transfigura num modo de operar sereno e imperturbável, e sobretudo ao vos encontrardes ante o resplendor da inteligência plasmada à imagem de Deus. (2012, p.53)

Ainda sobre o pensamento plotiniano, as almas feias, entregues aos vícios e às paixões do corpo, não são elevadas ou dignas de serem contempladas, estão longe da

“verdadeira e primeira beleza” (PLOTINO, 2012, p. 55) e presas nesse plano inferior. Tal pensamento é corroborado no diálogo platônico intitulado *Fedro*, no qual Sócrates e Fedro discutem a respeito das paixões e das atitudes tomadas pelos apaixonados e pelos não apaixonados.

É de acrescentar igualmente que muito amantes são movidos pelo desejo físico antes de conhecerem o caráter do amado e se tornarem familiarizados com as maneiras características deste, de modo que é duvidoso se quererão ser teus com o cessar do desejo. No que toca, contudo, aos não apaixonados, que [já] eram teus amigos antes de ingressarem na relação mais íntima, não é provável que os fatores recebidos diminuam a amizade, permanecendo sim como lembretes de mais coisas vindouras. E a conclusão é que podes esperar te tornares uma melhor pessoa cedendo a mim do que a um apaixonado. (FEDRO, 233a)

Segundo o pensamento socrático expressado no diálogo platônico, os apaixonados têm seu senso de julgamento deturpado pelos sentimentos e agindo de maneira descontrolada não podem alcançar equilíbrio, ou seja, a virtude.

No texto *Paradoxos dos estoicos*, Cícero descreve a vida do homem virtuoso, e percebemos que o pensamento plotiniano se assemelha àquele que se desenvolveu durante a Antiguidade clássica latina. Analisemos, então, a seguinte citação do texto ciceroniano: “A vida do homem cuja virtude e costumes são dignos de louvor não pode também ela deixar de ser digna de louvor; ora uma vida digna de louvor não é uma vida de que devamos fugir.” (PARADOXO II, 19). E seguindo a mesma temática, temos a seguinte afirmação de Cícero em *De Finibus*: “Se efetivamente é verdade que só o homem bom é feliz, e que todos os homens bons o são, então nada merece mais o nosso empenho do que a filosofia, e nada há de mais divino do que a virtude” (DE FINIBUS, I, 76).

Em *Beleza*, Scruton afirma existir “uma ideia encantadora sobre a beleza”<sup>4</sup>, retirada do pensamento platônico e também plotiniano, conceito esse que “foi incorporado ao pensamento teológico cristão”<sup>5</sup>, pois eleva a beleza a um valor espiritual:

[...] a beleza é um valor supremo que buscamos por si só, sem ser necessário fornecermos qualquer motivo ulterior. Desse modo, a beleza deve ser comparada à verdade e à bondade, integrando um trio

---

<sup>4</sup> SCRUTON, 2013, p. 12.

<sup>5</sup> Idem.

de valores supremos que justifica nossas inclinações racionais.  
(SCRUTON, 2013, p. 12)

As terminologias se repetem desde o período clássico, palavras como *bem*, *virtude*, *beleza* e *bondade* vão se repetindo nos textos de diferentes autores que apresentavam uma reflexão profunda sobre a beleza refletida na vida do Homem, a beleza da alma, aquela que aproxima o homem do divino e o mantém afastado dos prazeres e paixões; manter-se controlado no que diz respeito às paixões era um tema bastante discutido no período clássico latino, principalmente pelos autores romanos que aqui estão sendo analisados. As influências das filosofias epicurista – mesmo que seja para apresentar um contraponto – e estoica<sup>6</sup> são norteadoras das ideias apresentadas pelos autores aqui abordados. Sobre a questão filosófica, vejamos o que afirma Cícero em *De Finibus*:

Esse critério [para saber qual a fronteira entre o bem e o mal] é, para Epicuro, o prazer em seu entender o máximo dos bens, enquanto a dor será o máximo dos males, ideia que ele demonstra como segue: todo o ser vivo, desde o momento em que nasce, procura o prazer, que considera ser o seu bem supremo, e evita a dor, que considera o mal supremo e que, por isso, tenta afastar de si o mais possível. (DE FINIBUS, I, 29 - 30)

Para se alcançar a virtude e, por consequência, uma alma virtuosa, deve-se manter-se distante dos vícios, pois através deles o Homem se afasta do bem supremo. Em *De Finibus*, Cícero alerta sobre o perigo de entregar-se à paixão: “Ninguém rejeita, detesta ou evita o prazer, mas por causa dos grandes sofrimentos a que se expõem os que não sabem buscar o prazer de uma forma racional” (DE FINIBUS I, 32). Manter a alma tranquila, viver moderadamente é aproximar-se do bem supremo: “Por isso se diz com razão que o bem e a beleza da alma consistem em se fazerem semelhantes a Deus, porque de Deus vem o belo e tudo o que constitui o domínio da realidade” (PLOTINO, 2012, p. 54). Sêneca também alerta sobre o que realmente é válido para manter a alma tranquila, mas, não focando nas paixões, seus conselhos – se podemos dizer assim – são mais concernentes ao âmbito espiritual:

De todo modo, a alma deve retirar-se de tudo que lhe é externo e voltar-se para si: tenha autoconfiança, alegre-se, valorize seus bens, distancie-se o quanto puder dos bens alheios e consagre-se a si

---

<sup>6</sup> Plotino se aproxima do estoicismo em seu pensamento.

mesma, não se ressinta das perdas, interprete positivamente até os fatos adversos. (SOBRE A TRANQUILIDADE DA ALMA, 14, 2)

Admitindo o fato de que a verdadeira beleza se encontra na alma – chamada virtude – e que é algo espiritual, como podemos percebê-la? Se o Belo não se encontra em algo físico, como faremos para reconhecê-lo? Para Plotino, “é necessário ver a alma daqueles que realizam as obras belas” (2012, p. 57), mas como ver o que não é sensível?

Segundo Sêneca, “mesmo que obscura, a virtude nunca fica oculta, mas manda sinais de si: todo aquele que for digno seguirá seus rastros” (2014, p. 202). O texto plotiniano nos guia no que tange a perceber a beleza da alma:

Porque é necessário que o olho se faça semelhante e parecido com o objeto visto, para poder contempla-lo. Jamais veria um olho o Sol, sem haver-se tornado semelhante ao Sol; nenhuma alma veria o belo sem ser bela. Que tudo se faça, pois, primeiro divino e belo, se se quer contemplar a Deus e ao belo. Que se vá primeiro remontando-se até a inteligência, e se saberá que nela todas as ideias são belas, e se confessará que ali está a beleza (a saber, as ideias: por elas, que são os produtos e a essência da inteligência, existem todas as belezas). (PLOTINO, 2012, p. 57)

Concluimos que, para perceber a beleza – pelo menos no contexto da Antiguidade Clássica e também em Plotino –, precisamos também tê-la em nós. Unicamente se nossa alma estiver tranquila e se em nós existir a virtude, poderemos perceber o belo que se encontra à nossa volta, seja no outro, seja na arte, na música ou na natureza.

A beleza não está condicionada a medidas, à simetria, ou à forma das cores e linhas. A beleza está para além do que vemos com os olhos físicos, ela deve ser percebida também com a alma e é na alma que ela reside. Uma alma virtuosa é a verdadeira beleza, pois uma bela alma não pode se inclinar para o mal, não pode comungar com os vícios e nem se prende às coisas terrenas. A alma bela deve, inclusive, se juntar a apenas aqueles que são semelhantes a si:

Nada, porém, pode deleitar a alma tanto quanto uma amizade leal e afetuosa. [...] Claro que escolheremos, quando possível, os que estiverem livres das paixões, pois os vícios serpeiam e se transferem para quem estiver mais próximo e são nocivos por contato” (SÊNECA, 2014, p. 207)

E o filósofo continua: “Em todas as coisas, é vicioso o que é excessivo” (SOBRE A TRANQUILIDADE DA ALMA, 9, 6); e a partir dessa leitura compreendemos que manter o equilíbrio da alma, contentando-se com o que é justo e não se entregar aos excessos é a chave para alcançar a bela alma e viver de maneira tranquila, abraçando a simplicidade, pois é nela que encontramos o bem: “No entanto, para a virtude não há perigo de que seja depreciada quando aproximada aos olhos e é preferível ser menosprezado por causa da simplicidade do que ser torturado por uma perpétua simulação” (SOBRE A TRANQUILIDADE DA ALMA, 17, 2).

Francis Bacon corrobora esse pensamento quando afirma: “Todavia, quando a beleza é o que deveria ser, [a saber, singela e agradável, ela] faz que os vícios embacem e as virtudes resplandeçam” (2015, p. 134). Quanto à simplicidade, muitos filósofos – não só do período Clássico – concordam que a beleza está nas coisas mais simples, pequenas, delicadas, que conseguem nos aprazer sem exagero, para alguns a beleza pode estar numa flor e para outros, como para os que analisamos neste ensaio, está na alma que consegue viver em equilíbrio.

Em *Ensaio*s, Francis Bacon faz a seguinte afirmação: “A virtude é como um brilhante, o qual é mais atraente quando é montado de maneira mais simples” (2015, p. 133).

Considerando que “a palavra *virtude*, que é equivalente em todas as línguas, implica aprovação, da mesma forma que *vício* implica censura”<sup>7</sup>, sabemos o que, segundo os estudos analisados no presente trabalho, precisamos fazer e o que devemos evitar para alcançar uma alma virtuosa e bela, pois só quem alcança esse equilíbrio na própria alma pode contemplar a beleza verdadeira e o bem supremo.

### **Referências bibliográficas**

BACON, Francis. *Ensaio*s. Apresentação Raul Fiker; tradução, prefácio e notas de Edson Bini. 2. Ed. São Paulo: EDIPRO, 2015.

CÍCERO, Marco Túlio. *Textos Filosóficos*. Tradução do latim, introdução e notas de J. D. Segurado e Campos. Edição da Fundação Calouste Gulbekian. Lisboa, 2012.

---

<sup>7</sup> HUME, 2004, p. 92.

HUME, David. *Do padrão do gosto*. In: *O belo autônomo: textos clássicos de estética*. Organização: Rodrigo Duarte. 2. Ed. rev. e ampl. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, Crisálida, 2012.

PLATÃO. *Diálogos III*: (socráticos): Fedro (ou do Belo); Eutífron (ou da religiosidade); Apologia de Sócrates; Cítron (ou do dever); Fédon (ou da alma) / Platão; [tradução, textos complementares e notas de Edson Bini]. Bauru, SP: EDIPRO, 2008.

PLOTINO. Sobre o belo (Enéada I, 6). In: *O belo autônomo: textos clássicos de estética*. Organização: Rodrigo Duarte. 2. Ed. rev. e ampl. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, Crisálida, 2012.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Sobre a tranquilidade da alma*: Diálogos/Sêneca; tradução, introdução e notas de José Eduardo S. Lohner, 1ª edição. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

SCRUTON, Roger. *Beleza*. Tradução de Hugo Langone publicada de acordo com a Oxford University Press. Realizações Editora, São Paulo, 2013.